



FACERES

MARCOS VINICIUS PIRES ASSUNÇÃO

ATUAÇÃO DOS “DOUTORES PALHAÇOS” NAS UNIDADES DE
SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2017

MARCOS VINICIUS PIRES ASSUNÇÃO

ATUAÇÃO DOS “DOUTORES PALHAÇOS” NAS UNIDADES DE
SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Medicina pela Faculdade Ceres -
FACERES.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia
Maluf Cury

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2017

Assunção, Marcos Vinícius Pires

Atuação dos “doutores palhaços” nas unidades de saúde: Uma revisão de literatura / Marcos Vinícius Pires Assunção- 2017.

19 p.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação de Medicina) - Ceres/
FACERES, São José do Rio Preto, 2017.

Bibliografia

1. Pacientes. 2. Médicos. 3. Hospitais.

CDU 614.253

MARCOS VINICIUS PIRES ASSUNÇÃO

ATUAÇÃO DOS “DOUTORES PALHAÇOS” NAS UNIDADES DE
SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Aprovado em:

Banca Examinadora

Banca Examinadora

-----/-----/-----

Prof.

FACERES

-----/-----/-----

Prof.

FACERES

-----/-----/-----

Prof.

FACERES

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais Vicente Adair Carneiro Assunção e Nilse Helena Pires Assunção, por acreditar em minhas escolhas, apoiando-me e esforçando-se junto a mim, para que eu suprisse todas elas;

À minha irmã Milena Cristina Pires Assunção Manachini por estar sempre ao meu lado nos momentos bons e de provas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me dar a vida e ser a base das minhas conquistas.

À professora Dr^a Patrícia Maluf Cury, pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração desse trabalho, me incentivando e colaborando no desenvolvimento das minhas idéias.

A todos os professores do curso de medicina, que são importantes em minha vida acadêmica, e que durante toda essa etapa, ensinaram e mostraram que estudar é aprimorar nossos conhecimentos para oferecermos o melhor aos nossos futuros pacientes.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram próximos a mim, fazendo a vida valer a pena.

RESUMO

Os Doutores palhaços da alegria conhecidos como clown são grupos sem fins lucrativos composto por alunos do curso de medicina e outros que procuram realizar um sistema de atendimento à saúde baseado na humanização deixando de lado a medicina com padrões antigos adotando uma visão holística do paciente. Os alunos são preparados por um período de dois a três meses e sucessivamente realizam visitas às unidades hospitalares e instituições beneficentes levando o sorriso e positivismo aos pacientes, acompanhantes e funcionários motivando-os no enfrentamento do período de internação e no convívio com a doença. Essa prática também é uma forma do estudante tímido, relacionar-se com seus colegas extravasando o mundo lúdico que habita dentro de cada ser humano através das máscaras, roupas e narizes de palhaço. O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância e os benefícios do trabalho realizado pelos palhaços doutores da alegria. É uma revisão de literatura com buscas em artigos on line na língua Portuguesa.

Palavras chave: 1. Pacientes, 2. Médicos, 3. Hospitais.

ABSTRACT

Doctor's clowns of joy known as clown are non-profit groups made up of medical students and others who seek to realize a health care system based on humanization leaving aside medicine with old standards adopting a holistic view of the patient. The students are prepared for a period of two to three months and successively make visits to hospital units and charities bringing the smile and positivism to patients, companions and employees motivating them in facing the period of hospitalization and living with the disease. This practice is also a way for the shy student to relate to his peers by venturing into the playful world that inhabits every human being through masks, clown clothes and noses. The present work aims to highlight the importance and benefits of the work performed by the doctors of happiness. It is a review of literature with searches in articles online in the Portuguese language.

Keywords: 1. Patients, 2. Physicians, 3. Hospitals.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO-----	08
1.1- Relato de experiência-----	10
2- REVISÃO DE LITERATURA-----	14
3- CONCLUSÃO-----	18
4- REFERÊNCIAS-----	19

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Silva e Omura¹ (2005), sorrir é uma prática salutar e aeróbica que proporciona um relaxamento físico, diminuindo a produção de hormônio relativo ao estresse. Segundo Capela² (2011) sorrir, faz bem ao sistema imunológico vascular, cerebral e muscular e outros. Portanto, é através do riso que as sensações desagradáveis são deixadas de lado vivendo momentos de descontrações.

Atualmente observa-se que o palhaços doutores atuantes em ambientes hospitalares e outras unidades assistenciais, relaciona-se com o paciente através da sua criatividade improvisando e promovendo um campo de oportunidades para a expressão do sorriso, diminuindo o estresse e ofertando conforto, uma vez que o paciente hospitalizado, passa por dupla agressão: interna devido à sua patologia e externa pelos procedimentos que na sua visão, são desconhecidos³.

Sendo assim, através da sua sensibilidade, os palhaços Doutores, realizam o "brincar," para que atinjam o mundo da criança, mostrando que brincar é uma linguagem mundial e leva ao prazer e felicidade, não restringindo apenas às crianças, mas aos adultos e profissionais da área da saúde através de pequenos contatos enriquecendo a relação paciente, família e funcionário⁴.

Ao mesmo tempo que os palhaços promovem momentos de alegria e risos aos pacientes, mais afloram sua espontaneidade e criatividade, pois os que são acanhados, desinibem-se, porque por trás das vestes de palhaço, aflora a criança que fora internalizada pelo próprio palhaço doutor⁵.

Oliveira & Oliveira⁶ (2008) em seu estudo concluíram que a atuação dos Doutores da Alegria não só atuam de forma positiva na condição de saúde dos pacientes, mas também no relacionamento entre os palhaços, equipe de saúde e acompanhantes. Nas crianças, eles estimulam mudanças no comportamento ocasionando interação e socialização com outros pacientes auxiliando no enfrentamento durante o período de internação.

De acordo com Oliveira & Oliveira⁶ (2008) os Doutores da Alegria são uma organização civil sem fins lucrativos mantidos por patrocinadores e sócios mantenedores que realizam visitas em unidades hospitalares ou beneficentes espalhados nos estados de São

1.1-Relato de Experiência

Minha história com os palhaços começou em agosto de 2013 após uma entrevista para participar de um grupo de voluntários do Centro Acadêmico São Camilo- SP. O grupo hoje chama-se Narizes de Plantão. Decidi participar dessa entrevista pelo fato em necessitar de algo extra na grade acadêmica, pois a rotina da medicina estava consumindo-me muito e, precisava de algo inovador para distrair-me.

Ao ser chamado para fazer parte do grupo, fiquei receoso por não ter conhecimento da prática de um palhaço em uma unidade hospitalar. Porém, para minha surpresa, foi melhor do que eu esperava, pois o projeto trabalhava voluntariamente com alguns hospitais de São Paulo capital, atuando em oficinas semanais para a capacitação dos novos palhaços, ou seja, não era só entrar para o grupo e sair andando pelos corredores dos hospitais dizendo que era palhaço mas, para isso, era necessário ser capacitado.

Com essas oficinas, aprendemos a nos perceber melhor como pessoas no ambiente em que estávamos, pois aprendemos a aceitar determinadas situações da vida que antes pareciam banais como, ser rejeitado á beira do leito por um paciente que não estivesse em um bom momento para uma interação com o grupo de palhaços. Esse “aceitar” fez com que eu tivesse visão de certas situações que realmente precisava aceitar durante a faculdade para não desistir do curso de medicina. Com essa experiência, cheguei à conclusão que deveria dedicar-me mais aos estudos e a outros lazeres para não perder o foco.

A prática dessas oficinas ajudaram-me, a vencer a timidez, ser mais comunicativo, desenvolver a paciência e aproveitar o agora, mesmo porque o palhaço não vive outro momento, a não ser o agora, pois ele não tem reunião de trabalho marcada para as 07:00 da manhã do dia seguinte, a reunião dele é aquele momento em que se encontra. Entretanto, com essa percepção, fiz do “agora, o momento de concentrar-me nos estudos; “agora” é o momento de prestar atenção nas aulas e absorver conhecimentos necessários para meu futuro profissional, e com isso, graças aos momentos de “palhaço”, consegui transformar o meu “agora” em momentos aproveitáveis gerando, disciplina e motivação na realização das minhas tarefas,

Em agosto de 2014, transferi meu curso de medicina para a FACERES de São José do Rio Preto-SP, mudando completamente minha rotina diária, meu círculo de amigos, professores, o modo como se avaliava os alunos, ou seja, praticamente tudo à minha volta. Essa transferência, foi um grande desafio, mas aceito com louvor.

Como nessa unidade de ensino o curso de medicina contava com a primeira turma de graduandos, porém, já havia um projeto de “grupo de palhaços” pela Liga de Humanização da Faculdade”. Devido minha experiência anterior com esse trabalho, fui convidado a realizar uma entrevista, e com isso, um novo desafio. Porém, foi uma experiência incrível, pois tive a oportunidade de conhecer melhor os colegas de turma que, assim como eu, gostariam de realizar o bem ao desconhecido.

Permaneci um ano como ligante da Liga Acadêmica de Humanização Medicina Faceres (LAHUMF), onde recebemos oficinas ministrada por um palhaço mais capacitado durante dois meses e, realizamos visitas à AACD de Rio Preto, visitamos creches, e realizamos ações pelas ruas da cidade, levando comida e roupa aos moradores de rua. Após um ano como ligante, tornei-me presidente da LAHUMF, onde capacitei novos membros para realizar as visitas. Mais um novo desafio para mim, ser o “professor” de novos palhaços. Com esse novo desafio, estudava tanto para as práticas da liga quanto para as provas do curso de medicina. Agora mais experiente, percebi que apesar da divisão de tarefas do meu cotidiano, conseguia, administrar melhor meu tempo, ficar mais atento às aulas e principalmente controlava meu stress no momento das avaliações finais, que antes considerava o pior momento do resultado dos meus esforços.

Em julho de 2016 desliguei-me como presidente da liga, porém, continuei a realizar ações com os novos membros e a participar de algumas oficinas que eles realizavam. Já se passaram-se um ano após minha saída como membro da LAHUMF e, sinto que às vezes necessito de uma oficina para encontrar-me comigo mesmo e reorganizar melhor meus estudos e minha vida.

Com isso concluí que não faço mais parte da vida de palhaço, mas ele faz parte de mim. Assim, sempre que preciso concentrar-me em algum projeto ou amenizar o estresse, recorro ao Ralph (nome do meu personagem) buscando força e energia com intuito em alcançar meu objetivos.

A capacitação dos alunos que querem fazer parte do grupo LAHUMF, primeiramente se dá através de um questionário com as seguintes perguntas: “O que é um palhaço para você e o que espera desse projeto?” Sucessivamente, realiza-se uma entrevista levando em consideração a empatia, os objetivos, disponibilidade e treinamentos.

Feito a seleção dos novos clowns, damos início às oficinas de palhaços. Nessas oficinas, exploramos o lado criativo dos alunos com brincadeiras de imaginação, criar cenários fictícios e explorá-lo de uma maneira divertida e realística que incentive alguma outra pessoa a querer estar ali com ele brincando, até porque não podemos levar um avião para dentro de um hospital.

Incentivamos os alunos a ter mais contato visual com cada pessoa dentro da sala, com um simples jogo de “andar pelo espaço” e olhar profundamente nos olhos de todos. Esse jogo pode variar sua intensidade e emoção, por exemplo, andar pelo espaço e olhar o amiguinho e quem não estiver fazendo ponte (olhar com olhar) irá cair no chão até que se conecte com outro olhar. É como se fosse um jogo de salvar vidas, até mesmo porque o palhaço conversa praticamente pelo olhar.

Trabalhamos muito a questão da negação, do “não”. Mas, por que trabalhar um assunto negativo? Porque não é sempre que os palhaços são bem-vindos nos quartos dos hospitais, então temos que trabalhar a negação/rejeição para que não se torne algo tão traumático na vida dos alunos. Isto ajuda a ter a consciência do “aceitar” e seguir em frente. Lógico que um pouco de insistência deve ser feito, mas não prorrogado pela eternidade.

Tem um momento da oficina em que enfrentamos nossos piores medos, nossos sentimentos mais profundos, nossa timidez, ou seja, nós nos enfrentamos sem máscaras, sem barreiras, na luz de nossa alma. Gosto de falar que é neste momento onde mora o palhaço, onde só há verdades, onde todos são capazes de ver, de sentir, e de aceitar como é realmente. É neste momento onde ocorre muita emoção, muita paixão, muita determinação e muita clareza. E é após este momento em que os alunos estão aptos a colocar pela primeira vez seus narizes vermelhos, a menor “máscara” de todas.

Após dois ou três meses de treinamento, os novos clowns estão prontos para dar início as visitas hospitalares ou em instituições. Lógico que neste momento eles já sabem se maquiar devidamente como palhaços e se vestirem como tais. E assim se dá o início de uma jornada em que o futuro é incerto, mas muito divertido.

Através da experiência salutar que obtive como clown, senti-me motivado a realizar esse trabalho: Atuação dos Doutores Palhaços da Alegria em unidades de saúde tendo como objetivo destacar a importância e os benefícios da atuação dos “Doutores Palhaços” nestas

unidades. A metodologia foi uma revisão de literatura com artigos em português pertinentes ao conteúdo do assunto em sites online como Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual da USP e LILACS tendo como palavras chave: 1. Paciente, 2. Médico, 3. Hospital, consultadas pelo DeCS.

2-REVISÃO DE LITERATURA

Uma absoluta extensão biológica sobre a psicossocial define um modelo de ensino-aprendizado científico –positivista criado pela cultura ocidental moderna⁷. Com isso o resultado é a formação de profissionais cada vez mais narcisistas e menos solidários^{8,9}.

Para o modelo biomédico, somente ao médico cabe a importância da saúde do paciente. De acordo com esse modelo, os testes laboratoriais e os exames físicos realizados em uma sala de exames são considerados essenciais para o diagnóstico, deixando de lado os valores do estado emocional, da história familiar e sua inserção no meio social^{10,7}.

Lex¹¹ (1971) tenta resgatar a despersonalização do paciente no atendimento público de saúde, pois segundo o autor, os mesmos são vistos como números e não como seres humanos em sua totalidade. A ausência de verbas, falta de médicos, consultas rápidas e exames complementares, torna o atendimento precário. Essa situação, faz com que os médicos tenham uma visão mecanicista em que a individualidade do paciente seja esquecida, levando em consideração, as desordens biológicas do paciente, e assim temos um atendimento médico apenas técnico, destituído de sentimentos e emoções.

Este modelo conhecido como cartesiano de ensino, ignora a visão holística do ser humano impondo um conhecimento técnico fracionado^{10,12}.

Para a necessária mudança deste modelo, e com intuito em constituir uma formação médica mais apropriada, são necessárias mudanças no modo de valores e inclusão do aluno no mundo real da sociedade, onde poderá adquirir conhecimentos importantes para uma formação humanista através do diálogo e das reflexões¹³. A relação diária médico paciente deve ser de empatia e coesão¹⁴.

Estudos revelam que a formação de bons profissionais médicos associados ao fornecimento de melhores benefícios terapêuticos aos pacientes, se deu no momento em que abordou-se a empatia, ou seja, o relacionamento médico-paciente através de atividades lúdicas nas unidades hospitalares e da utilização de cuidados paliativos como o alívio do sofrimento, clemência pelo paciente e familiares, manuseio dos sintomas de dores e por fim, qualidade de vida enquanto durar¹⁵.

Resumindo, inúmeros teóricos e profissionais preconizam que a atividade lúdica fundamenta-se em um ambiente terapêutico preparado para a convivência com a enfermidade, limitação e padecimento. Além disso, a atividade lúdica traz benefícios ao paciente, familiares

e à equipe de saúde, modificando a compreensão do ambiente hospitalar, dando um significado relacionado ao desenvolvimento para os executores sociais inseridos nas diferentes esferas de ação¹⁵.

Segundo Ferreira¹⁶ et al (1999) o significado de humanizar é tornar-se humano, educar-se, proporcionar condições humana. Porém, para Japiassu e Marcondes¹⁷ (1991) a situação humana é individual e única de cada homem no mundo e na história. Sendo assim, a forma humanidade é um conjunto de particularidades específicas do indivíduo que o torna distinto dos outros animais.

A busca de motivação e da humanização nos atendimentos terapêuticos, podem serem retratadas em alguns grupos que ordenam estratégias exclusivas de atuação, recuperando a visão holística do ser humano com recursos lúdicos¹⁸.

Dentre esses grupos podemos destacar os Doutores da Alegria, em que Masetti¹⁹ (1999) destaca os efeitos da ação clown no ambiente hospitalar. De acordo com Nogueira²⁰ (2000) esse trabalho apresenta-se como base na ideia de Michael Christensen, criada em 1986 e pioneira em levar clowns para as unidades hospitalares. Sua participação no grupo, baseia-se na crença de que a experiência da alegria, proporciona aproximação com o lado mais sadio do indivíduo.

Desde o tempo de Hipócrates, palhaços tem atuado em unidades hospitalares. Contudo, em 1908 foi registrado esse modo de atuação em um jornal conhecido como Le Petit Journal. Porém, outro marco histórico foi a atuação do Dr Patch Adms que por mais de trinta anos, atuava em forma de palhaço aos seus pacientes²¹. Com isso originou-se inúmeras iniciativas equivalentes²². Entretanto, ele foi o palhaço pioneiro dos corredores de um hospital norte-americano e defensor da “humanização” no relacionamento médico-paciente onde priorizava o “cuidar,” e com isso percebeu que dentre os maiores cuidadores, estava a mulher devido ao seu lado sensível e materno¹⁵.

Desde então, esse movimento vem crescendo mundialmente. Em 1991 foi criado no Brasil por Wellington Nogueira os Doutores da Alegria com intuito em levar aos pacientes, acompanhantes e funcionários das unidades hospitalares, alegria e entretenimento, mantendo este modo de expressão como forma de enriquecimento da experiência humana²³.

Rodrigues e Malo²⁴ (2009) relatam que para ser um Doutor da Alegria, o indivíduo tem que ter “desejo e vontade” para atuar no mínimo duas vezes na semana por um período de seis

horas diárias em ambientes diferentes, e ainda, o palhaço deve ter responsabilidade, experiência, sensibilidade e criatividade em transformar as dificuldades encontradas, em um ambiente menos sofrido.

Entretanto, os Doutores da Alegria desempenham um trabalho artístico nas unidades hospitalares que vem ao longo dos anos, edificando uma parceria entre os palhaços e os profissionais da saúde, pois, observa-se uma melhora nos pacientes relacionadas à comunicação, mais colaboração na realização de exames e tratamentos e redução da ansiedade com a internação²⁴.

Os Doutores da Alegria baseia-se em um trabalho voluntário, com intuito em atender as necessidades emocionais das crianças e adultos que encontram-se hospitalizados e desprovidos desse tipo de atenção. Porém, se esse trabalho for remunerado, não é denominado “voluntário”²⁴. Os trabalhos desenvolvidos por esse projeto, engloba idosos, orfanatos, escolas, hospitais e portadores de necessidades especiais, com atividades voltadas à estética, beleza, higiene, manicuro, brincadeiras, teatro e desfiles de moda²⁵.

Vivemos numa sociedade onde os valores humanos como solidariedade, coletividade, caridade, compaixão e indignação com a injustiça estão cada vez mais se perdendo no desenvolvimento atual, onde prevalece o egoísmo, estão mais preocupados com as necessidades materiais, com a dificuldade em tecer vínculos, banalização do sexo e da violência e culto ao prazer, tudo em busca do consumismo. Outros podem até não esquecer-se desses valores mas, não dão a devida importância a certas coisas que prejudicam a humanidade²⁶.

A educação encontra-se “doente,” pois preparam profissionais apenas para o mercado de trabalho esquecendo-se de desenvolver o relacionamento em coletividade. Portanto, é necessário que as pessoas não visem apenas o “ganho para se viver” mas que tenham a noção de coletividade, de que pertençam a um grupo e tenham a consciência de que não estão sozinhas²⁵

Dentro desse paradigma é importante que as pessoas exerçam cidadania não apenas como cobrança de direitos, mas como um dever para si próprias. Dentre essas concepções, encontra-se o trabalho voluntário que pode desenvolver a passividade entre as pessoas, consolidando a cidadania e contribuindo para mudanças promovidas pelas ações sociais. Dessa forma, cumpre-se o papel de cidadão com fortalecimento dos valores humanos como a solidariedade, compaixão, tolerância mutua minimizando as injustiças sociais²⁵

Portanto, os voluntários são pessoas motivadas por valores participativos de uma causa humanitária sem remuneração, buscando uma sociedade mais justa. É alguém que deseja ver o crescimento da sociedade procurando colaborar, fazendo sua parte. Além de contribuir, o voluntário sente-se mais útil em participar das transformações necessárias para um mundo melhor, com satisfação e desenvolvimento pessoal e profissional, conquista de novas amizades, aprendizado e novos desafios com emprego da boa utilização do seu tempo livre e apoio a uma causa. Entretanto, são ganhos positivos para a construção de um mundo melhor com a satisfação através do sorriso, aprendizado, alegria, agradecimento e desenvolvimento do próximo²¹

3- CONCLUSÃO

Os inúmeros trabalhos publicados mostram o quão significativo é o trabalho dos clowns ou palhaços doutores da alegria, retirando os indivíduos hospitalizados do ambiente doloroso ao qual convivem com a doença sentindo-se impossibilitados. Este estudo mostrou que a atuação desses grupos, ocasionam bem estar, melhora nos processos de recuperação com redução da ansiedade, tristeza e resistência aos exames em caso de crianças e adultos, pois o palhaços tratam o interior aflorando sensações e anseios interrompidos pela internação hospitalar.

REFERÊNCIAS

- 1- Silva P H; Omura K M. Utilização de risoterapia durante a hospitalização: um tema sério e eficaz. Rev. Enferm UNISA, 2005.
- 2- Capela R C. Riso e bom humor que promovem a saúde. Rev. SimbioLogias, 2011; 4 (6).
- 3- Esteves C H; Caires. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. Interface – comunicação, saúde, educação, 2014.
- 4- Motta AB; Enumo S R F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento de hospitalização infantil. 2004. Psicologia em Estudo, Maringá, 9(1):19-28.
- 5- Soldatelli M D; Salerno, M R. O papel do trabalho voluntário como doutor-palhaço na formação médica,2015. Revista da AMRIGS,59 (2).
- 6- Oliveira RR; Oliveira ICS. Doutores da alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem,2008. Esc. Ana Nery. Rio de Janeiro, 12(2).
- 7-Nakasu MVP. Em defesa de uma certa enfermidade: cuidados paliativos em debate. Rev Cienc. Sau. Itajubá. 2013/ out/dez; 3(4).
- 8- Afonso MR; Reflexões sobre a educação médica. In: Franco MEDPF; Krahae, ED. (org). Pedagogia Universitária e áreas de conhecimento.2007. Porto Alegre: EDIPUCRS, P. 44.
- 9-Bertachini L, Pessini L. A importância da dimensão espiritual na pratica dos cuidados paliativos. Bioethikos, São Paulo. 2010; 4(3):319-331.
- 10- Capra F. O ponto de mutação. São Paulo,Cultrix, 2010.
- 11- Lex A. Humanização dos hospitais: respeito à personalidade humana. Rev do Hosp. Clín. da Faculdade de Medicina de São Paulo.1971; 26; p. 83-86.
- 12- Botomé SP. Contemporaneidade, ciência, educação e verbalismo. Erechim: Ed. URL, 1994.
- 13- Bordas MC. A interdisciplinaridade na universidade: possibilidades e limites. In Franco MDPF (org.). Pedagogia universitária de conhecimento. Porto Alegre. EDIPUCRS; 2007; p. 319-331.

- 14- Lopes, AC. A importância da relação médico-paciente. Revista Cienc. Sau. Itajubá. 2012; 2(3); jul.
- 15- Araujo, TCCF; Guimarães, TB. Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os palhaços- doutores. Est. e Pesq. Psicol. Rio de Janeiro. 2009; 9(3): 632- 47.
- 16-Ferreira A B H. Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- 17- Japiassu H.; Marcondes D. Dicionário Básico de Filosofia. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.
- 18- Soler APSC, Paula DF, Campanelli EA, Bazon FVM. Oliveira JC, Ferreira MCA. Motivação e humanização: fatores de relevância no tratamento terapêutico e na formação do profissional em reabilitação. Cad. de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenv. São Paulo. 2004; 4(1): 13-24.
- 19- Masetti M. Soluções de palhaço: transformações na realidade hospitalar. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 1999.
- 20- Nogueira W, Masetti M. Os “doutores da alegria”: um relato de experiência. O Mundo da Saúde, São Paulo.2000, 24(4): 264-267.
- 21- Spitzer P. clown doctors! Churchill Fellow.[Internet]. 2002. [Acesso em 2008 jul]; Disponível em:< <http://www.ebility.com/articles/clowndoctors.php>>.
- 22- Masetti M. Boas misturas: a ética da alegria no contexto hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- 23- Doutores da Alegria. Palhaços em hospitais. [Internet].2003. [acesso em 10 jun. 2007]; Disponível em: www.doutoresdaalegria.org.br/download/PesqInt_pot.pdf.
- 24- Rodrigues AL, Malo MC. Doutores da Alegria : um olhar nos bastidores. Rev de Adm. Contemp.2009.
- 25- Sítio EG, Guedes M, Thives F. Auto estima: análise da proposta do projeto de Doutores da Beleza com a ONG Doutores da Alegria. Cosmetologia e estética da Universidade do Vale de Jataí- UNIVALI, Balneário Banburiú, Santa Catarina, 2010.

26- Martinelli M. Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos. São Paulo, 1992.

27- Domeneghetti AMMS. Voluntariado. Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos. São Paulo. ed. Esfera, 2001.